

<https://doi.org/10.5965/24471267712021230>

A vida amarga de Lucila

Publicado originalmente na revista *Senzala: revista para o negro*, São Paulo, Ano I, 1946. Disponível revista para o negro (SP) Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845094&pesq> Consultado em 14/5/2021.

ISSN: 2447-1267

Pretinha delicada, mostrando bom gosto ao trajar e nos assuntos das suas palestras, aparentava uma erudição que estava longe de possuir. “Fan” declarada de Castro Alves, Bilac e Casemiro de Abreu, não perdia uma oportunidade de, nas festinhas íntimas, declamar as poesias mais populares dêsse trio de (ilegível).

Com isso, a pretinha Lucila, tão delicada, apesar de possuir, como cabedal de cultura apenas seis de aula na saudosa escolinha de dona Jacira, era apontada, invariavelmente, para oradora oficial nos festejos solenes do clube nos dias de Ano Bom, Sábado de Aleluia e 13 de Maio. Contudo, se essas honrarias eram verdadeira lisonja para o seu amor próprio, tinham a desvantagem de atrair-lhe antipatias. Parecia pernóstica. As moças e os rapazes evitavam-na, chamando-a, pejorativamente, de “professora”.

Pouco a pouco, a sua inteligência intuitiva foi lhe fazendo crer. “através da máscara das faces”, a hostilidade reinante no íntimo das pessoas que privavam consigo. Isolou-se. E entregou-se, quase com fanatismo, à leitura dos seus autores prediletos e, influenciada, principalmente, pelo (ilegível) másculo que tinha por lira “uma trompa bronzeada”, começou a produzir. Escreveu cadernos e cadernos de versos inspirados, casando neles toda a sua amargura, toda a sua revolta...

E os anos foram passando. E a pretinha Lucila foi ficando tristonha, e quarentona, atingindo, por fim, os cinquenta anos de idade.

Morreu sozinha, desiludida, exercendo até o fim o seu triste ofício de cozinheira, deixando, aos cuidados de um sobrinho algo esclarecido pelo exemplo da tia heroica, uma regular bagagem de poesias.

No entanto, foi a mania das musas que amargou, até o fim, a vida de Lucila. Afastou as amigas, intrigou os parentes, assustou os candidatos à sua mão e, atraiu a chacota dos padrões ignorantes que jamais perdoaram a cozinheira cinquentona metida a poetisa:

– “A professora Lucila”.

Ainda hoje, leitora amiga, eu insisto em ver, na vida amargurada de Lucila, o drama das minhas patrícias que sonham instruir-se.

Mas, perguntar-me-ão, como evitar esses conflitos íntimos? E a minha resposta será esta:

As jovens negras devem iniciar-se, por ora, nas profissões práticas como corte e costura, flores, bordados e, – porque não dizer? – na arte culinária propriamente dita com cursos especiais de quitanda e confeitaria.

Então sim, de posse de uma profissão técnica e, conseqüentemente, com um espírito independente, iniciem-se ao culto às letras, pintura, música, etc., e não encontrarão quem, em sã consciência, se arvore em chamá-las, pejorativamente, de “professora”. – ELOÁ.